

**II Jornada da Associação Lacaniana de Psicanálise
Brasília – 23 e 24 de outubro de 2015.**

A voz do Supereu

Luiza Borges

Instância polêmica a do Supereu: não é individual nem social; não é interior nem exterior; não é própria nem alheia e, mais ainda, não é somente mera identificação ao pai, tampouco uma simples herdeira do complexo de Édipo. Nem materno nem paterno, nem feminino nem masculino, nem precoce nem maduro.

Recuperar o peso da instância na clínica e no mal estar na civilização é o propósito da autora. Marta critica premissas criadas e muito difundidas pelos pós-freudianos, principalmente nas suas intenções em “benevolizar” a instância em virtude de seu incômodo com a pulsão de morte. Acho que vale trazer essas assertivas criticadas por Marta e que logo no início do estudo de seu texto me causou grande espanto. Apesar de ser um espanto do qual eu me recordo, ter sentido, mas que após estudar o que ela propõe, esse exemplar detalhamento da construção teórica da instância em Freud e posteriormente em Lacan, pude entender e concordar com as críticas feitas às assertivas e, mais sério ainda, críticas à noção de supereu difundida.

O supereu dá conta da relação do sujeito com a realidade → absurdo

O supereu garante o bom funcionamento da Consciência Moral → impossível

O supereu assegura a saúde mental do sujeito pois o impede de circular pelas transgressões → errôneo

O supereu como identificação paterna, substitui a função do pai, regulando a relação do sujeito à lei → ridículo

De início, vou tentar expor para vocês alguns recortes do estudo dela, que nos apontam para uma ideia de supereu que realmente não pode sustentar tais assertivas. Pretendo então começar por uma fase primeva, anterior, ao que são na verdade efeitos da instância feroz, as famosas ordens, as vozes: faça isso, faça aquilo, não diga, não olhe.. Vou trazer essa construção da Marta de um Supereu estruturante, do avesso do desejo. E por aí ela faz uma ligação com o Real. Cito a autora:

aqui ganha relevância o real do supereu, que dissolve a realidade [aqui a autora o chama inclusive de “procurador do isso”] e se recupera a vigência do conceito de censura, à qual se atribui a destruição dos fios lógicos da cadeia associativa. Rebelde ao inconsciente, o supereu transita desfazendo e corroendo suas formações. (p.107)

Ponto importante que nos indica a precariedade daquelas construções equivocadas sobre o supereu. Rebelde ao inconsciente, o supereu transita desfazendo e corroendo suas formações!!

Primeiro recorte: Supereu, Gozo e Real

Nem tudo na lei do pai é normalizante. Na sua falha, no seu avesso: o gozo. (p.223) Normalizante é o inverso do gozo, ou melhor, o gozo é o inverso do normalizante. Lei do pai e inconsistência S(A/); regulação que proíbe o gozo e imperativo que obriga ao gozo proibido: aí o supereu que não é paterno, ainda que esteja implicado no avesso da metáfora paterna. O supereu é residuação do pai, aquilo que não faz metáfora, é posição de borda e de causa. Não proclama o que há de morto no pai,[o que há de morto no pai: gozo absoluto] mas presentifica seu resto vivo como incidência sádica. Ponto do “existe pelo menos um não castrado. O supereu coordenado ao gozo e não ao desejo, é um chamado à não-castração: força demoníaca que empurra a dizer algo. Lembremos do mito de Totem e Tabu: “Os irmãos

põem fora da horda o pai, limitando seu gozo. O gozo fica expulso, a morte lhe põe limite e simultaneamente se incorpora a potência do pai. Esse exterior se constitui pela expulsão do gozo absoluto do pai da horda. O gozo do Outro como ex-sistente ao corpo da falta intervirá em “ao menos um que disse não à castração”, preservando para si esse gozo absoluto e infinito ao preço de sua morte.

Segundo recorte: Supereu herdeiro do Isso.

Aqui algumas observações importantes valem serem ressaltadas:

- 1) é dessa ideia que vem a noção de precocidade da instância.
- 2) Aqui temos de estar atentos para um dos paradoxos do supereu: herdeiro do isso, bem como herdeiro do Complexo de Édipo.

Dito isso, prossigamos:

No texto *Eu e o Isso*, a instância finalmente ganha nomeação e posição estruturante no aparelho psíquico. Ainda que nele apareçam uma série de categorias paradoxais (Marta faz até um quadro delas) a conceituação mais precisa e complexa do Supereu se revela nas entrelinhas desse texto que traça uma topologia trágica de Pulsão de morte, Masoquismo Primário, o isso e além do Princípio do Prazer, isto, é: compulsão À repetição. Cito Marta: “Paradoxos desta instância, mais íntima e alheia [devido à esse processo de construção que tem a ver com a expulsão, com extimidade, com o Real] das que habitam a subjetividade, (...) estrutura e corrói ao mesmo tempo. Freud localiza supereu na compulsão à repetição – o que significa separá-lo contundentemente do Princípio de realidade, princípio que Freud atribui exclusivamente ao Eu. Aqui, entretanto, a autora diz, que Freud hesitará

sobre esse ponto em seu texto “o humor”. Nesse ponto, diz-nos Marta que se ganha relevância o Real do Supereu. “aqui ganha relevância o real do supereu, que dissolve a realidade (procurador do isso) e se recupera a vigência do conceito de censura, à qual se atribui a destruição dos fios lógicos da cadeia associativa. Rebelde ao inconsciente, o supereu transita desfazendo e corroendo suas formações” (p.107)

O supereu é herdeiro do Isso pela sua ligação com o pai terrível perverso demoníaco, que instiga a partir do cerne pulsional, mas também é herdeiro do complexo de Édipo no que diz respeito à suplência do pai ante a falha da lei. Incidência da lei do pai morto que não toda legisla. (p.108)

Marta insiste nesse ponto: enigmática origem da instância, sua fonte está no ISSO e se assenta no auditivo, a ideia do “capacete auditivo” o mais absolutamente primário. FONTE NO ISSO – cuja gênese está na linguagem. Montagem própria da pulsão. O supereu tem raízes na identificação primária e por isso ela coloca a instância como mais precoce que qualquer investimento objetal.

Porque escolhi esse recorte?

Pelas implicações clínicas que essa teorização cuidadosa pode nos trazer. E aqui já vale a ressalva de que me atenho formações de uma estruturação neurótica e, portanto, são reflexões do âmbito da clínica com neuróticos (ampliar esse horizonte teoricamente falando é um projeto para o próximo ano).

Na neurose o Supereu – seus efeitos na verdade, aparece como um “inimigo do trabalho analítico” – batizado meu, esse de inimigo. Freud tratará da Reação terapêutica negativa, dos traços de caráter.

Freud inclusive diferencia os processos neuróticos, os sintomas, de traços de caráter. O recalque e retorno do recalçado não operam no caráter. Ele dirá nos três ensaios que, a fixação pulsional infantil encontra-se na gênese, na

origem da formação do caráter. Está aí, justamente a intersecção: os traços de caráter serão vinculados ao supereu pelo inoperável do recalque, pela fixação pulsional, pela formação reativa. Caráter e supereu se vinculam porque ambos mantêm nexos com a satisfação pulsional substitutiva. Traço de caráter como cicatriz do EU. Formação cicatricial que fixa a satisfação substitutiva da pulsão: marca do pai, eco do castigo da castração.

Aqui já podemos voltar a algumas daquelas assertivas:

O supereu assegura a saúde mental do sujeito pois o impede de circular pelas transgressões → errôneo

Regula a relação do sujeito com a Lei..

Não necessariamente a regulação compartilhada socialmente, trata-se apenas da regulação do sujeito à lei – no âmbito da construção subjetiva particular ali daquele sujeito. “mandatos insensatos”

Outro ponto:

Apesar dele ser um “inimigo trabalho”, é exatamente por ele que podemos “segurando no seu rabo” produzir um bom trabalho. Após uma extensa trajetória a respeito da teorização do supereu em Freud, a autora trabalha, principalmente ao entrar em Lacan, o Supereu é o avesso do **desejo**, reparem: *Não basta indicar que o supereu é antagônico ao desejo, é preciso assinalar que ele é seu avesso, o que revela a patogenicidade da lei, sua falha estruturante, falha insanável cujo culpado é o Real.* (p.221)

Cada vez deparamos com ele então, com o Supereu, por uma espécie de reviramento, uma mudança de direção, mudança de posição – e então já estamos tratando de desejo. Uma metáfora que imaginei que ajuda a ilustrar essa tese: um tecido bordado e seu avesso – ao virar eu vejo o avesso. Mas o

que temos aí: para que eu tenha o “lado certo, o bordado, por assim dizer, é preciso que haja o avesso, as maçarocas de linhas no verso do tecido, marcas.. marcas da instância – essa é a face estruturante da instância.

Quando Marta trata dos que fracassam ao triunfar, é uma virada. A autora vem traçando as raízes profundas do Supereu, a determinação das marcas provocadas, e vamos ficando angustiados, procurando a saída, às voltas com o peso da instância. Mas ela coloca ponto em que isso se revira:

*Não se deve esquecer que se submeter ao pai é também o melhor recurso do sujeito para lhe ceder toda a responsabilidade pelos seus atos; ir para além do pai implica pois no êxito, desamparo, desculpabilização, instauração de um ato **responsável**... e luto! (p.186)*